

## Sobre a (in)transitoriedade: nosso tempo de formação

Denise Costa Hausen<sup>1</sup>

Sandra Veiga<sup>2</sup>

Adriana Accioly<sup>3</sup>

Alia S. Ahmad<sup>4</sup>

Anelise H. Mondardo<sup>5</sup>

Ana Luiza Neuenfeldt<sup>6</sup>

Carla R. Marques<sup>7</sup>

Evelise de Cesero Golubcik<sup>8</sup>

Kátia Pedone<sup>9</sup>

Luciana Firpo<sup>10</sup>

Mônica Pogliã Leal<sup>11</sup>

### RESUMO

Inspirado pela comemoração dos 35 anos de existência do CEPdePA, este escrito propõe uma reflexão sobre o tempo não linear de uma formação analítica, em

---

1 Membro Pleno do CEPdePA e coordenadora do grupo de estudos “O atalho no circuito da pulsão”.

2 Membro Pleno do CEPdePA.

3 Membro Pleno do CEPdePA.

4 Membro Efetivo do CEPdePA.

5 Membro Correspondente do CEPdePA.

6 Membro Efetivo do CEPdePA.

7 Membro Efetivo do CEPdePA.

8 Membro Pleno do CEPdePA.

9 Membro Efetivo do CEPdePA.

10 Membro Efetivo do CEPdePA.

11 Membro Associado do CEPdePA.

Obs.: Todas as pessoas nomeadas neste escrito participam do grupo “O atalho no circuito da pulsão”.

especial, no que tange ao estudo teórico, que, no tempo cronológico em nossa instituição, se faz sob a égide dos seminários. Em uma reconstrução histórica da constituição e transformação pelas quais o próprio grupo Atalho no circuito da pulsão passou, enlaça aspectos filosóficos envolvidos nos termos *Chronos* e *Kairós* com textos clássicos freudianos em relação às temáticas da transitoriedade (1915) e da (in)terminabilidade da análise (1937). Problematiza o lugar que pode ocupar a transmissão teórica para que não seja somente uma passagem do saber, enfatizando as condições necessárias para que a produção desse saber seja atravessada pelo jogo transferencial, pela escuta do nosso analisante e por nosso próprio inconsciente.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Chronos e Kairós. Formação teórica. Transitoriedade. (In)terminabilidade.

*“Para atendermos às exigências mais rigorosas feitas à terapia analítica, nossa estrada não nos conduzirá a um abreviamento de duração, nem passará por ele”*

*(Sigmund Freud)*

O convite para escrever na revista que comemora os 35 anos de existência da nossa Instituição é honroso e exige de nós, seus membros, um grau elevado de responsabilidade, já que soleniza e celebra um tempo cronológico extenso. Trinta e cinco anos que vêm sendo percorridos desde a sua criação e fundamentados em desejos singulares de quem a fundou até os dias de hoje, com todas as transformações que uma instituição viva e cheia de saúde permite: da inscrição original oferecendo-se em suas infinitas transcrições e retranscrições.

A cronologia nos oferece uma maneira de viver o tempo. Chronos, seu deus, assim o determina. O tempo de Chronos é finito, ele acaba. Inicia com o nascimento e finaliza com a morte. É um tempo linear, regido pela lógica, ele passa independente da nossa alegria ou da nossa dor. Mas há outro tempo, o tempo marcado pelos nossos afetos. O tempo de Kairós, que, diferente da linearidade de Chronos, é qualificado. O tempo de cada coisa, o conceito de o nosso tempo. O tempo que é singular.

É desse lugar de Kairós que o grupo de estudos O atalho no circuito da pulsão se dispôs a escrever sua contribuição.

Kairós, filho de Chronos, em uma das muitas leituras possíveis, se opõe à linearidade do tempo e expressa uma concepção de que não se pode determinar ou medir o tempo em horas verificadas. O tempo é o tempo de cada um.

Nessa perspectiva, nos propomos refletir sobre o tempo não linear de uma formação, em especial, no que tange ao estudo teórico que no tempo cronológico em nossa instituição, se faz sob a égide dos seminários. Regido por Kairós, este tempo não linear se faz como grupo de estudos, quando marcados pelo momento competente descoberto de modo pessoal, singular a cada um de nós, regido pelo reconhecimento do limite de nosso saber quando confrontados com uma prática clínica que desafia nossos limites.

Iniciamos revisitando Freud (1916 [1915]) no texto “Sobre a transitoriedade” que nos fez pensar sobre as fronteiras, sobre a castração, sobre o tempo que passa e, simultaneamente, sobre a interminabilidade da nossa formação enquanto psicanalistas.

A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência. Porém, apenas lhes empresta renovado encanto. Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela. Tampouco posso compreender melhor por que a beleza e a perfeição de uma obra de arte ou de uma realização intelectual deveriam perder seu valor devido à sua limitação temporal. Realmente, talvez chegue o dia em que os quadros e estátuas que hoje admiramos venham a ficar reduzidos a pó, ou que nos possa suceder uma raça de homens que venha a não mais compreender as obras de nossos poetas e pensadores, ou talvez até mesmo sobrevenha uma era geológica na qual cesse toda vida animada sobre a Terra; visto, contudo, que o valor de toda essa beleza e perfeição é determinado somente por sua significação para nossa própria vida emocional, não precisa sobreviver a nós, independentemente, portanto, da duração absoluta (FREUD, 1916 [1915], p. 222).

No texto referido, Freud está acompanhado de seu amigo poeta, que, ao contemplar a paisagem à sua volta entristecido, lamenta o fugaz da beleza, a primavera que acaba. Ao observar a atitude do jovem poeta, Freud se pergunta o que poderia estar por trás de tamanho desalento, chegando à conclusão que tal sentimento se deve à dificuldade que enfrentamos para elaborar o luto pelas perdas impostas ao longo da vida. Diz:

A propensão de tudo que é belo e perfeito à decadência, pode, como sabemos, dar margem a dois impulsos diferentes na mente. Um leva ao penoso desalento sentido pelo jovem poeta, ao passo que o outro conduz à rebelião ao fato consumado. Diante dessa rebelião impõe-se o princípio de realidade que, em certa medida, dá veracidade aos sentimentos do poeta. Somos finitos, é inevitável! Mas enquanto estamos vivos seguimos inacabados, incompletos e ansiamos por novas descobertas (FREUD, 1916 [1915], p. 223).

Em determinado momento do texto, o fundador da psicanálise vai afirmar que, sendo o homem capaz de destruir a natureza e as obras de arte, de devastar civilizações pela guerra, após a elaboração do luto talvez possa ser capaz de reconstruir os bens perdidos e a crença no humano.

Pois há que se destacar, em particular nesses trechos do texto “Sobre a transitoriedade”, a própria atitude de Freud ao se deixar inquietar e atravessar pelo desconforto da experiência. “Mas contesto o poeta pessimista” – diz Freud – “que associa a transitoriedade do belo com sua desvalorização. Ao contrário, há um aumento de valor!” (FREUD, 1916 [1915], p. 222).

Estranha posição esta de Freud se considerarmos seu explícito encantamento pelo poeta presente no texto “O poeta e o fantasiar”, de 1908, ao referir-se a ele como “esta extraordinária personalidade” (FREUD, 1908, p. 53). Nesse texto, encontramos Freud concentrado em buscar na arte, na literatura e na poesia uma espécie de chave de leitura para os enigmas do inconsciente. É o Freud (1916 [1915], p. 221) presente no texto “Sobre a transitoriedade” passeando entre as constatações do amigo e poeta e as suas próprias ideias, absolutamente imerso e

entregue aos enigmas dessa “florescente paisagem de verão”, que nos convoca a nos lançarmos, em posição de estranhamento e inquietação, a este escrito.

Esta talvez seja uma metáfora para pensarmos nosso fazer, nossas buscas de possibilidades para pensarmos a clínica, através do nosso grupo de estudos que intenta, a partir da Metapsicologia, a ampliação do fazer clínico, sustentando um teórico que dela emerge.

A teoria, um dos tripés da formação, é comentada por Freud em “Sobre o ensino da psicanálise na universidade”, texto escrito em 1918. Nele, Freud aborda e discute a inclusão do ensino da psicanálise em aulas teóricas como uma oportunidade de capacitar estudantes de medicina. Para fins de pesquisa, defende que os professores deveriam ter clínica para demonstrar o método e o tratamento analítico. O ensino tenderia a uma transmissão a partir da experiência clínica da psicanálise. Isso faz parte das recomendações aos psicanalistas desde Freud (1912).

Qual lugar pode ocupar a transmissão teórica para que não seja somente uma passagem do saber, mas sim sua produção e também uma leitura que se deixa atravessar pelo jogo transferencial, pela escuta do nosso analisante e por nosso próprio inconsciente?

Pois esta questão quanto à transmissão da experiência clínica, da experiência da análise pessoal e da experiência com a teoria, coloca-nos em posição de fazer aqui um breve corte, desviando-nos, uma vez mais, para o encontro entre o poeta e o psicanalista. E, com esta digressão, nos aproximamos desse território compartilhado entre arte e psicanálise para refletirmos sobre a ideia de que há na transmissão uma dimensão da experiência estética inevitável.

Sousa (2001, p. 128), ao referir-se à estética da psicanálise, nomeia-a como “*estética negativa*”, isto é, ao se opor a uma estética do belo, do agradável e do prazeroso, dá a ver justamente o vazio que nos constitui. E, nesse aspecto, ressaltamos o que Didi-Huberman (2010), de forma inquietante, propõe quando postula esse encontro com a arte e seus enigmas. Diz ele que esse *ato de ver* – uma obra de arte, por exemplo – remete-nos ao vazio que nos olha; a fenda a partir da qual podemos olhar. “O espaço ‘entre’ que a folha monocromática cria, instaura um jogo entre olhante e olhado, espaço do encontro dessas duas instâncias da percepção, espaço [...] onde se dá a leitura” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 14).

Seria justamente nesse espaço vazio, nesse *entre* o que se vê e o que nos olha, que o novo, em toda sua potencialidade e sua força, pode ser inventado. Eis aí também nossa experiência com a clínica, da inquietação entre o que se escuta e o que a teoria propõe?

Pois a transmissão da psicanálise, como uma experiência negativa, não deveria garantir justamente esta experiência de alteridade? De estética negativa? Não deveria justamente provocar uma inquietante estranheza pela desorientação do *olhar-pensamento*, obrigando e exigindo de todos nós reorientação e reconstrução constante de nossos discursos, de nossas certezas teóricas?

Podemos pensar, no que diz respeito aos nossos estudos, que:

[...] se a ética da psicanálise na condução de uma análise é a ética do desejo, do confronto com a falta, a condução de um grupo de estudos em psicanálise passaria pela possibilidade do analista em impulsionar o trabalho de quem demanda saber. Por isso, a transmissão das fraturas do texto, pois parece que aí reside um elemento fundamental, que consiste na relação do analista com a teoria e com o saber inconsciente (CUMIOTTO, 2005, p. 63).

A inquietação atemporal, marcada por Kairós, retorna em nosso texto. É preciso ressaltar que o teórico quando vivido numa relação mais horizontal, enquanto transferência de trabalho com os conceitos fundamentais, pode gerar uma busca por singularidade, processo de subjetivação da teoria. Vivência de leitura do texto teórico articulada à vivência e ao saber da análise pessoal, que afinal é o único saber que pode impregnar a teoria mais conceitual e conferir o sentimento de pertinência da psicanálise.

O saber de um analista precisa buscar sempre o amálgama entre o saber da própria análise, o saber da experiência clínica e da vida e o saber textual. É desse saber suspenso que vão brotar as conjecturas e o fantasiar teórico-clínico em ressonância com o desconhecido, o caso, que é sempre singular. A reflexão metapsicológica desses processos, no analista, no analisante e no

campo transferencial, é essencial para pensar a questão da função da teoria na clínica e, em decorrência, nos situar na reflexão sobre sua transmissão (MOTTA, 2016, p. 58).

O exercício da clínica clama pelo teórico, pela formação interminável que atravessa e marca o nosso ofício.

Sendo a psicanálise uma teoria que tem no seu bojo a incompatibilidade com a replicabilidade e a sua prática um distanciamento com a tecnicidade, no teórico e seu estudo, o pulsional está implicado e, portanto, no que tange à formação propriamente dita, a letra fria do texto precisa ser decodificada, vitalizada, com a intensidade da prática clínica como analista e como analisando. Em outras palavras, em seu processo de formação, o analista lê o texto pautado pela transferência, e sua identidade de analista – sustentada no tripé – está posta aí (HAUSEN; PAIM FILHO, 2010, p. 136).

Em 1937, Freud escreve um de seus últimos trabalhos, publicado ainda em vida juntamente com “Construções em análise” (FREUD, 1937a). Trata-se de “Análise terminável e interminável”. Escrito esse que diz respeito também à técnica psicanalítica ou mais precisamente sobre sua eficácia. Não foi esta a primeira vez que nos deparamos com a preocupação de Freud em avaliar até onde sua ciência ou a ciência da psicanálise poderia ser efetiva na prática e alcançar os objetivos propostos. Desde seus primórdios estas preocupações estavam presentes tanto no que dizia respeito à técnica quanto aos descobrimentos teóricos, encorajando sempre novas descobertas.

Assim como Freud parte de implicações em termos de prazo, encurtamento de uma análise, onde se interroga sobre seu término, talvez possamos seguir pensando sobre nossos estudos.

Diz Freud (1937b) que, se o tratamento analítico se inicia com a instauração da transferência – e aqui também podemos incluir nossos estudos –, é por ela que se chegará ao término no sentido de reconhecimento de um limite, até onde passa o rochedo da castração. Castração que não é um obstáculo a ser vencido, e sim um obstáculo a ser aceito até onde seja possível.

“Como poderá a fala se realizar enquanto infinita e precisamente encontrar fim e significação no recomeço de seu movimento sem fim?” (BLANCHOT, 1969 apud FÉDIDA, 1998, p. 122).

Partindo das implicações de tentar estabelecer um determinado prazo, um encurtamento de tempo para o término de uma análise, Freud (1937b) então passa a interrogar-se sobre o que significa afinal o término de uma análise. Faz a diferença do que de ordem prática termina quando paciente e analista deixam de se encontrar para a sessão analítica em relação ao ponto de vista dos objetivos.

Uma vez mais, a objetividade de Chronos e a subjetividade de Kairós.

Se uma análise finaliza quando analista e analisante deixam de se encontrar, a análise no sentido amplo se perpetua: o que foi vivido no campo transferencial segue operando.

Do ponto de vista dos nossos estudos, também nos é facultado propor que estes, enquanto na formalidade, podem se encerrar, mas que sempre seguiremos precisando nos enfrentar com a clínica e seu desafio, do vazio que citamos anteriormente. Como referido por Calligaris (1990 apud CUMIOTTO, 2005), uma associação psicanalítica só pode se propor a criar as condições necessárias para que o analista aconteça.

Valemo-nos uma vez mais do texto freudiano e, numa liberdade teórica, reafirmamos o entendimento de que seria muito ambicioso pensarmos que o que sabemos é sempre o suficiente para o exercício de nosso ofício. Segundo Freud afirma em “Análise terminável e interminável”, a ideia da cura induziria ao pressuposto de que podemos chegar a uma normalidade psíquica absoluta. Uma falácia, o que também podemos propor com relação ao domínio de uma teoria que fosse também absoluta: uma vez conhecida daria conta de nossa clínica sempre, sem o novo que nos surpreende constantemente no nosso ofício.

Desejoso, nosso grupo iniciou-se há aproximadamente oito anos, organizado por colegas interessadas, a partir de suas próprias demandas clínicas, em seguir estudando. A ideia de simetria entre as fundadoras gerou o desejo de que não houvesse o protocolo de uma coordenação. Para a instituição, o grupo precisava de uma coordenação instituída. Foi escolhida então Sandra Veiga, sua primeira coordenadora. O escopo teórico foi estudar o tema da metapsicologia, mais em



especial da pulsão e seus atalhos. Foi assim nomeado. Algumas daquelas pessoas fundadoras seguem no grupo, que tem outra coordenação nos dias atuais. Ocupamos desde a sua criação até hoje principalmente buscar preencher vazios teóricos que sigam nos ajudando a que possamos nos fazer mais habilitadas a uma melhor escuta na clínica, bem como sustentar vazios que sigam insistindo na denúncia acerca do *interminável* de nossa formação.

De lá para cá seguimos estudando, buscando publicar as nossas ideias, sobretudo imbuídas da concepção de que aquilo que produzimos deve ser necessariamente partilhado com nossos pares e que possamos contar com sua crítica benévola e ajuda generosa. Escutar, teorizar, publicar, partilhar com nossos pares são desejo-origem de nossas apresentações e, é claro, de nossas publicações. É o enfrentamento com o não saber que levou o grupo fundador a querer seguir estudando. Heterogêneos em tempos de fim de seminários, nos marca a identificação no sentido de busca ante o limite da castração, da angústia que a clínica gera. O grupo de estudos, em seu conceito genérico e atravessado pelo outro pé, nossas análises, e pelo reconhecimento da permanente provisoriade de nossa formação, acreditamos, é um espaço privilegiado que a instituição oferece para esse enfrentamento.

Diz Freud (1937b, p. 265): “Evidentemente, não podemos exigir que o analista em perspectiva seja um ser perfeito antes que assuma a análise [...]”. De modo similar, podemos pensar o teórico: é pela análise que podemos nos enfrentar com a fragilidade do não saber. De outro modo, é possível cair na desmentida, na arrogância da convicção de estarmos formados, do tudo sabermos já que o estudamos uma vez.

“Mas onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará em sua profissão? A resposta é: na análise de si mesmo, com a qual começa sua preparação para a futura atividade.” (FREUD, 1937b, p. 265). Enfatizamos também o reconhecimento da necessidade de que novas análises possam ser oportunidade de reafirmação da interminabilidade da nossa formação, do caráter de inesgotável do nosso inconsciente e seus retornos.

Mais uma vez lembramos a ideia de que se o tratamento analítico se inicia com a instauração da transferência, é por ela que se chegará ao término, término

no sentido de reconhecimento de um limite, de onde nem analista nem o sujeito analisante poderiam ultrapassar o rochedo da castração. Castração que não é mais um obstáculo a ser vencido, e sim uma barreira a ser aceita até onde seja possível. A relação transferencial vai perdendo sua força, encontrando outra solução que não a idealização ou a indiferença. Sair da idealização significa aceitar a incompletude, a alteridade, a finitude, abandonando a perspectiva de que tudo começa e termina em si mesmo. Interminável no sentido de que este sujeito analisado de posse do que lhe pertence, da sua subjetividade possa seguir escutando seu inconsciente, construindo algo novo, sua própria história. Terminável porque a morte é certa. Se Freud inicia “Análise terminável e interminável” questionando sobre as implicações de se encurtar uma análise, para nós, e neste artigo, talvez a questão seja: como sustentar nosso ofício, como acreditar na ética da psicanálise que crê em uma singularidade, em uma análise e um aprender interminável?

Os tempos atuais tentam ser imperativos no sentido da demanda de objetividade, de rapidez, do excesso. Excesso de tecnologia, de informação, excesso de violência, de banalização, excesso de igualdade, de simetria, de exposição, de medicação. Que efeitos essas demasias podem produzir no nosso psiquismo fazendo com que desprezemos o não saber? No que consistiria o reconhecimento da falta enquanto teoria e enquanto sujeito que esbarra em sua falta de saber? Afinal, a psicanálise nunca fecha as portas para uma nova verdade.

Em 1927, Ferenczi apresenta a ideia de que a análise não é um processo sem fim, mas um processo que pode ter um fim natural, com perícia e paciência suficientes por parte do analista, e Freud entende como uma advertência a não visar a abreviar a análise, mas a aprofundá-la.

E a nova/velha verdade nos convocando sempre ao interminável do estudo teórico no nosso ofício, da clínica, que convoca nossa busca pelo saber interminável, e da interminabilidade de nossas análises, que nos permite o enfrentamento com o limite que a castração nos impõe. Eis a finitude e a infinitude da experiência psicanalítica, de nossas formações.

Embora Fédida (1998) refira sobre a prática analítica a duração do tratamento girar em torno de cinco, oito, dez anos ou mais, isto certamente não garante uma análise, nosso tempo de formação, de clínica e de estudo, e tampouco nos

constitui como analistas: somos surpreendidos na nossa escuta clínica pelo nosso não saber e pelo eterno retorno de nossas marcas fundantes, em tentativas de violar o que pela razão e pelo conhecimento nos sentimos convocados. Em nossas formações o eterno embate entre Narciso e Édipo; entre autoerótico e alteridade.

É preciso que Chronos se deixe ocupar por Kairós, que nosso tempo de estudo seja marcado por esse tempo que é nosso, compatibilizando na provisoriedade de nosso ofício o pressuposto de que seja libertário e singular, evadindo-nos do lugar de submissão que Chronos ordena.

Ao finalizarmos este escrito, é importante ressaltar o quanto nos inquieta o que aqui apresentamos. São expressões da pluralidade que nos constituem como grupo. São elaborações, pensamentos construídos ao longo de tempos muito variados. Não pensamos que da sua leitura decorram respostas totalizantes, prescrições de como se faz uma formação. Que nosso texto nos ajude a acessar mais e mais modos singulares de fazer-se psicanalista, abra-nos outros questionamentos e viabilize escolhas de caminhos livres de um tempo não linear.

Que Chronos e seu rigor normalizador não nos dominem!

## REFERÊNCIAS

CUMIOTTO, C. R. A transmissão e o ensino da teoria psicanalítica: efeitos informativos ou formativos no percurso de formação. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 29, p. 57-66, 2005.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2010.

FÉDIDA, P. **Clínica psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 1998.

FERENCZI, S. (1927). O problema do fim da análise. *In*: FERENCZI, S. **Psicanálise IV**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. (Obras completas, 4).

FREUD, S. (1908). O poeta e o fantasiar. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira, 10).

FREUD, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira, 12).

FREUD, S. (1916 [1915]). Sobre a transitoriedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1918). Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira, 17).

FREUD, S. (1937a). Construções em análise. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira, 23).

FREUD, S. (1937b). Análise terminável e interminável. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira, 23).

HAUSEN, D.; PAIM FILHO, I. O exercício clínico faz a diferença na leitura teórica? *In*: SOUTO, V. (org.). **Formação psicanalítica: fatos e versões**. Porto Alegre: CEPdePA: Letra&Vida, 2010.

MOTTA, C. F. S. Transmissão da teoria na formação analítica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 49, n. 91, p. 53-59, 2016.

SOUSA, E. Uma estética negativa em Freud. *In*: SOUSA, E.; TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. (org.). **A invenção da vida: arte e psicanálise**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

## On (in)transience: which is the time of our training?

### ABSTRACT

Inspired by the celebration of the 35 years of existence of the Center for Psychoanalytic Studies of Porto Alegre (CEPdePA), this paper proposes a reflection upon the nonlinear time of the analytical training, in particular with regard to its theoretical component that, in the chronological time of our institution, is carried out as seminars. While reconstructing, from an historical perspective, the constitution and the transformation undergone by the group *Atalho no circuito da pulsão* itself, this study entwines the philosophical aspects concerning *Chronos* and *Kairos* with Freudian classical texts related to the themes of transience (1906) and (in)terminability of the analysis (1937). This paper also questions the place that the transmission of theory can occupy so that it does not only mean conveying knowledge. Therefore, it emphasizes the necessary conditions for that knowledge production to be impacted by transference dynamics, by listening to our analysand and by our own unconscious that returns.

**Keywords:** Chronos and Kairos. Theoretical training. Transience. (In)terminability.